



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/04/2018 a 12/04/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
06/04/2018	10,33	386,30	31,53	4,72	3,88
09/04/2018	10,47	389,60	31,52	4,90	3,90
10/04/2018	10,50	383,90	31,85	4,92	3,89
11/04/2018	10,47	380,20	31,53	4,87	3,87
12/04/2018	10,60	383,40	31,63	4,81	3,88
Média	10,47	384,68	31,61	4,84	3,88

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	80,45	3,72
RS - Santa Rosa	80,00	3,98
RS - Ijuí	80,00	3,98
PR - Cascavel	80,65	5,51
MT - Rondonópolis	74,40	3,69
MS - Ponta Porá	74,10	5,11
GO - Rio Verde (CIF)	69,50	2,21
BA - Barreiras (CIF)	71,40	2,00
MILHO		
Argentina (FOB)**	190,80	2,31
Paraguai (FOB)**	180,00	0,00
Paraguai (CIF)**	217,00	-1,36
RS - Erechim	42,70	1,36
SC - Chapecó	41,30	1,98
PR - Cascavel	38,00	2,01
PR - Maringá	38,75	1,97
MT - Rondonópolis	29,50	0,85
MS - Dourados	34,70	3,58
SP - Mogiana	39,30	3,42
SP - Campinas (CIF)	42,25	4,97
GO - Goiânia	35,50	-2,07
MG - Uberlândia	35,05	1,59
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	725,00	16,94
RS - Santa Rosa	725,00	17,89
PR - Maringá	786,00	10,70
PR - Cascavel	773,00	8,11

Período entre 06/04/2018 a 12/04/18

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra no dia 04/10/2017.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 12/04/2018**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	34,03	76,00	34,80

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
12/04/2018**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	34,58
Feijão (saco 60 Kg)	128,80
Sorgo (saco 60 Kg)	22,33
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,20
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	0,98
Boi gordo (Kg vivo)*	4,80

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a subir nesta semana, fechando a quinta-feira (12) em US\$ 10,60/bushel, contra US\$ 10,31 uma semana antes. A média de março, para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 10,39/bushel, se constituindo na melhor média mensal desde julho de 2016. De fato, desde meados de fevereiro passado, com a confirmação de fortes perdas na Argentina, Chicago passou a um outro patamar, trabalhando entre US\$ 10,00 e US\$ 10,80/bushel quando, de fins de agosto/16 até meados de fevereiro/18, seu patamar de preços ficou estacionado entre US\$ 9,50 e US\$ 10,00/bushel.

Consolidada a quebra na Argentina, hoje calculada em 19 milhões de toneladas (38 milhões a serem colhidas diante de uma expectativa inicial de 57 milhões), o relatório de intenção de plantio nos EUA, anunciado no dia 29/03, acabou surpreendendo o mercado ao indicar uma redução de 1% na área a ser semeada com soja naquele país. Soma-se a isso a revisão para baixo no volume dos estoques finais mundiais anunciado nos relatórios de oferta e demanda do USDA em março e, particularmente, em abril, e o mercado externo se mantém firme.

Ajudou para isso o fato dos operadores relativizarem, nesta semana, as implicações negativas da guerra comercial entre EUA e China, na medida em que passam a considerar que as tarifas protecionistas dos dois lados podem não ser aplicadas. De fato, Donald Trump já acenou que poderá haver acordos bilaterais entre os países para resolver a questão, enquanto o governo chinês, embora tenha anunciado retaliações importantes, se mostra aberto ao diálogo. Com isso, tal tema deixou de pesar, por enquanto, significativamente sobre o mercado.

Dito isso, no dia 10/04 o USDA anunciou seu novo relatório de oferta e demanda. O mesmo trouxe, como novidade, uma redução na safra da Argentina, agora estimada pelos norte-americanos em 40 milhões de toneladas, contra 47 milhões em março, fato que reduziu a produção final mundial para 334,8 milhões de toneladas, contra 340,9 milhões em março. E isso que a produção brasileira foi revista para cima em dois milhões de toneladas, ficando agora em 115 milhões. Diante deste quadro de produção, os estoques finais mundiais foram reduzidos para 90,8 milhões de toneladas, contra 94,4 milhões em março e 96,7 milhões de toneladas registrados no ano comercial anterior (2016/17). Mesmo assim, o patamar de preços médios aos produtores de soja nos EUA ficou estabelecido entre US\$ 9,10 e US\$ 9,50/bushel para este ano de 2017/18. Portanto, bem abaixo do que vem sendo praticado neste momento em Chicago. A média dos dois anos anteriores foi respectivamente de US\$ 9,47 e US\$ 8,95/bushel.

Como já comentado em boletins passados, o mercado concentra agora suas preocupações no clima nos EUA, já que a safra sul-americana está precificada. Ao mesmo tempo, os Fundos, com forte atuação em Chicago, continuam muito comprados, podendo reverter o quadro altista a qualquer momento desde que haja motivos financeiros-econômicos e/ou de clima nos EUA para isso. No primeiro caso, índices que indiquem aquecimento na economia estadunidense, com potencial inflacionário que leve a novos aumentos nos juros básicos daquele país, por exemplo.

Quanto a meteorologia nos EUA, há um cenário dividido em duas situações, segundo os especialistas no setor: no oeste do país, a falta de chuvas prevalece, sem umidade ideal para um plantio da safra principal; no Cinturão Agrícola, lado leste, as temperaturas permanecem mais frias que a média para o atual período, dificultando o derretimento do gelo sobre o solo e impedindo o processo de plantio adequado. Lembrando que o plantio, no momento, é especialmente do milho.

Neste contexto, teremos um período externo ainda bastante conturbado, muito volátil, cheio de especulação, até final de junho, quando se consolidar o plantio da nova safra de verão nos EUA, assim como o comportamento dos Fundos. Depois disso, o clima naquele país assumirá papel ainda mais importante no cenário até meados de setembro, quando a colheita de verão por lá se iniciará.

No que tange às exportações líquidas estadunidenses de soja, para 2017/18, as mesmas ficaram em 1,13 milhão de toneladas na semana encerrada em 29 de março. O número ficou 7% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Para o ano comercial 2018/19, foram negociadas mais 358.200 toneladas. O mercado esperava volume entre 600.000 a 1,15 milhão toneladas, somando os dois anos comerciais, o que foi ultrapassado. Já as inspeções de exportação estadunidenses de soja chegaram a 373.940 toneladas na semana encerrada no dia 5 de abril, acumulando no ano comercial 2017/18, iniciado em 1º de setembro de 2017, um total de 41,9 milhões de toneladas, contra 47,8 milhões no ano anterior.

Aqui no Brasil, diante da firmeza de Chicago, mesmo sem grandes oscilações nas cotações desde meados de fevereiro, os preços melhoraram. Tal melhoria, contudo, se deu especialmente em função da mudança cambial, pois a moeda nacional chegou a superar os R\$ 3,40 em alguns momentos desta semana. As atribuições políticas no país, como esperado, já estão fazendo seus efeitos sobre o câmbio, assim como sobre toda a economia, fato que deve durar no restante de 2018.

Vale destacar igualmente que os prêmios nos portos brasileiros subiram muito diante do conflito comercial entre EUA e China, devido à expectativa de os chineses buscarem mais soja no Brasil e na Argentina. Isso ajudou muito os preços em reais subirem. Nesta semana, em Rio Grande por exemplo, o prêmio para abril oscilou entre US\$ 1,18 e US\$ 1,33/bushel, enquanto um ano atrás os mesmos estavam entre US\$ 0,42 e US\$ 0,46/bushel. Ou seja, houve um aumento de 180% a 190% nos mesmos na comparação entre abril/17 e abril/18. Em Paranaguá o aumento foi mais extraordinário, variando entre 419% e 445% no mesmo período. Entretanto, fica o alerta de que esse processo poderá arrefecer nas próximas semanas devido à redução nas tensões comerciais entre as duas grandes potências internacionais. Ou seja, o câmbio e o grande aumento nos prêmios nos portos brasileiros estão na origem principal do forte aumento dos preços internos da soja nestas últimas semanas, porém, são elementos muito instáveis e que podem não durar muito.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que mais uma importante janela de comercialização para a soja nacional se abriu nas últimas duas semanas, com os preços subindo fortemente e ultrapassando entre R\$ 10,00 e R\$ 20,00/saco os valores praticados há um ano. No balcão gaúcho, por exemplo, a média desta semana fechou em R\$ 76,00/saco, contra R\$ 56,65/saco em meados de abril do ano passado. Em termos nominais, os preços atuais estão retornando aos níveis de dois anos atrás. No início de junho de 2016 o

balcão gaúcho pagou R\$ 77,16/saco. Já em termos reais (considerando a inflação oficial do período) o preço da soja, hoje, deveria estar em R\$ 80,20/saco para empatar com o poder de compra que tinha dois anos antes.

Quanto aos lotes, o preço médio gaúcho oscilou entre R\$ 79,50 e R\$ 80,00/saco, enquanto no restante do país os mesmos giraram entre R\$ 69,00/saco em Querência e Sinop (MT) e R\$ 82,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 80,50 no centro e norte do Paraná; R\$ 72,00 em São Gabriel e Chapadão do Sul (MS); R\$ 67,50/saco em Goiatuba (GO); R\$ 73,50 em Pedro Afonso (TO); e R\$ 76,50/saco em Uruçuí (PI).

Naturalmente, este cenário poderá mudar, trazendo os preços para baixo, especialmente se houver um acordo comercial entre EUA e China como parece estar, aos poucos, acontecendo.

Enfim, a comercialização da atual safra, em 06/04, ainda continuava menor, em relação a média histórica e ao ano passado. A mesma chegava a 52% do total, contra 55% na média e 61% no ano passado. No Rio Grande do Sul as vendas atingiam a 33%, contra 35% na média e 48% no ano passado. Em Santa Catarina, 28% apenas vendido, contra 34% na média e 48% no ano passado. No Paraná a relação era de vendas em 42% no momento, com as mesmas ficando dentro da média histórica, e 55% na safra passada nesta época. Já no maior produtor nacional de soja, o Mato Grosso, as vendas atingiam, no início de abril, a 62% do total, contra 67% na média histórica e 66% vendido no ano passado nesta época. Nos demais Estados, apenas Mato Grosso do Sul e São Paulo apresentavam vendas maiores do que as suas médias históricas, com 55% e 53% respectivamente. A notar igualmente que Bahia e Piauí, com 60% já vendido; Maranhão com 73% e Tocantins com 70% negociado, apresentam uma dinâmica de venda mais acelerada, aproveitando-se dos excelentes preços atuais praticados. Já o sul do país, em particular Rio Grande do Sul e Santa Catarina, continuam mantendo um perfil bem mais conservador neste sentido (cf. Safras & Mercado).

Quanto a colheita da atual safra de soja no Brasil, a mesma chegava a 79% da área em 06/04, contra 81% na média histórica para esta data. Em relação a média histórica, Santa Catarina e Rio Grande do Sul estavam muito atrasados em relação à média (entre parênteses), com respectivamente 33% (51%) e 36% (46%). Nos demais Estados, com exceção da região do Matopiba, a colheita estava praticamente encerrada (cf. Safras & Mercado).

Vale ainda destacar que a China comprou 10,4 milhões de toneladas de soja em grão do Brasil entre janeiro e março deste ano, segundo Secex. Na comparação com o mesmo período do ano passado, as aquisições chinesas tiveram um recuo de 4%. A Espanha é o segundo maior comprador de soja em grão do Brasil, com 606.300 toneladas e um aumento de 31% sobre o ano anterior. Na terceira colocação está a Holanda com 332.000 toneladas, com aumento de 38% em comparação com o primeiro trimestre de 2017.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços da soja no período entre 22/03/2018 a 12/04/2018.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 22/03/2018 e 12/04/2018 (CBOT)

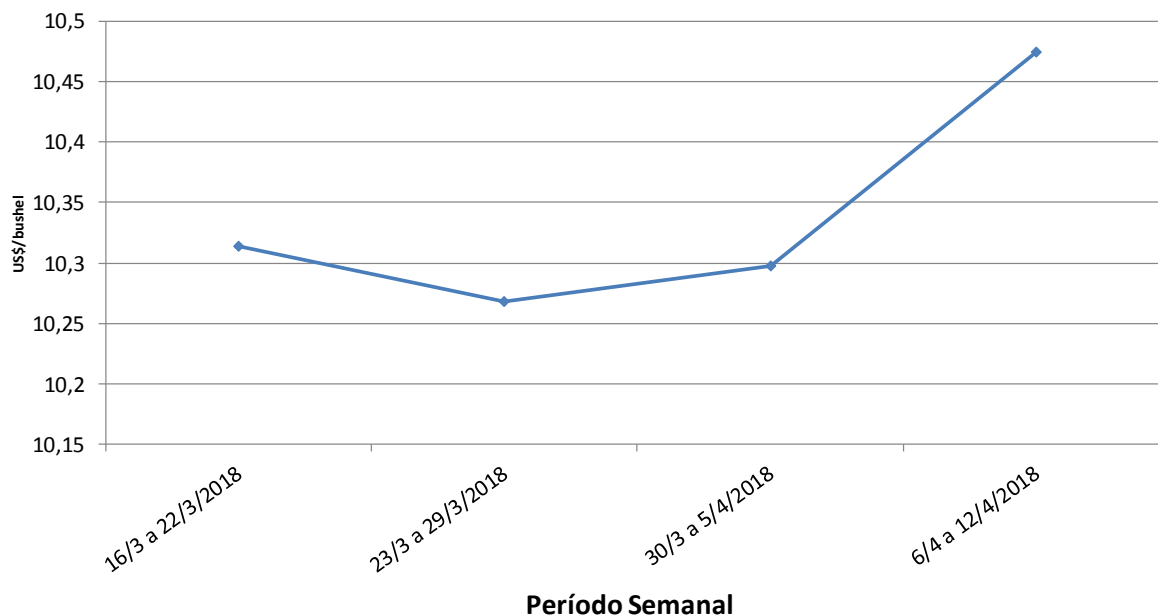
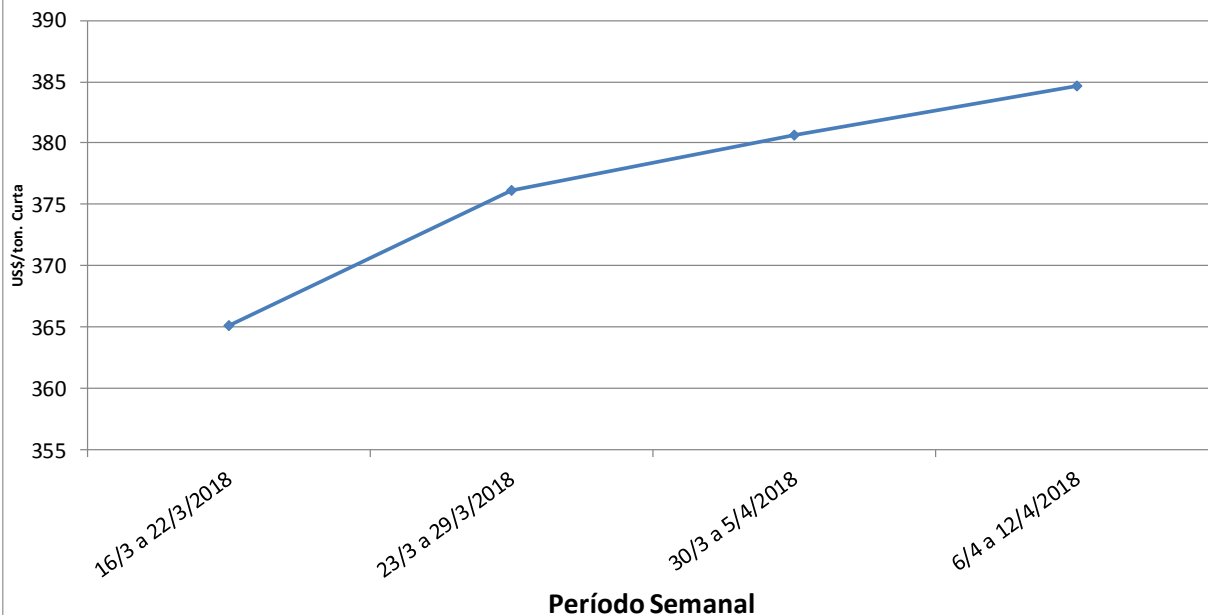
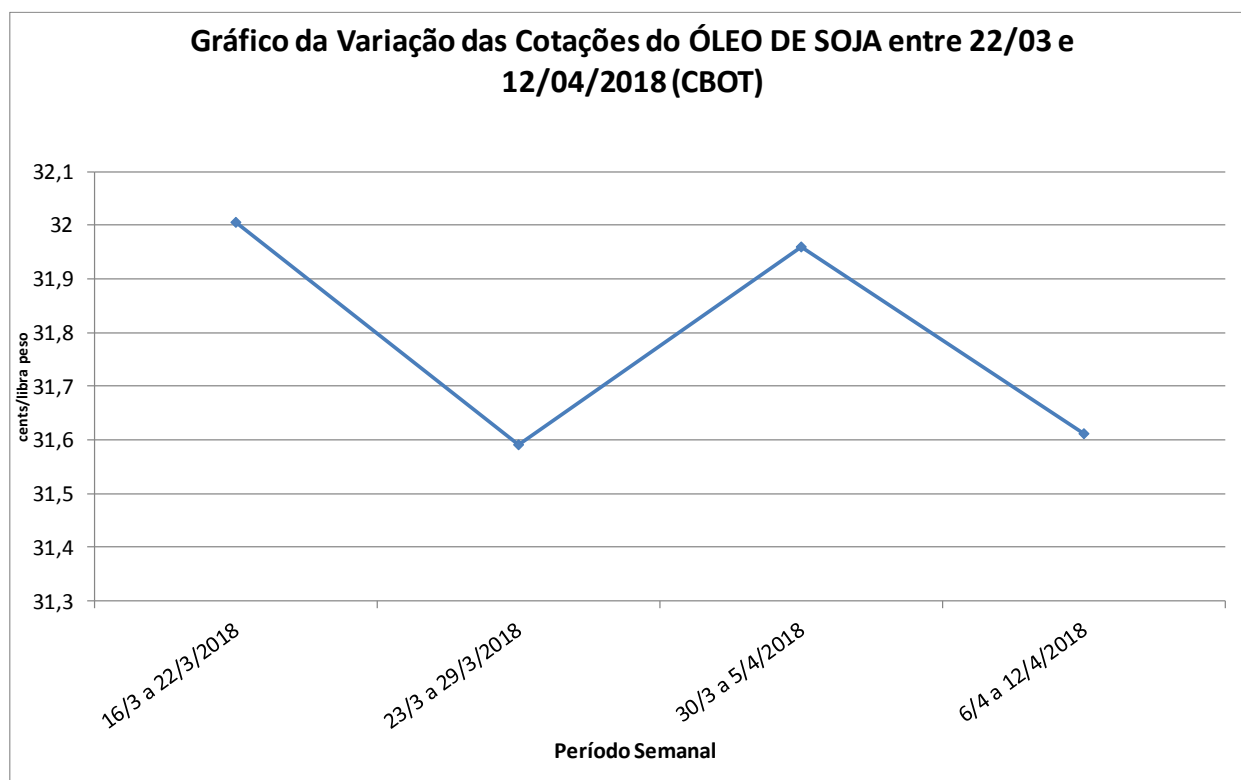


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 22/03 e 12/04/2018 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago variaram pouco nesta semana, fechando a quinta-feira (12) em US\$ 3,88/bushel, contra US\$ 3,89 uma semana antes. Mesmo assim, se mantém bastante elevadas em relação ao final do ano passado, quando o bushel chegou a ser cotado a US\$ 3,36 em meados de dezembro. É importante destacar que a média de março passado ficou em US\$ 3,79/bushel, sendo a mais elevada média mensal desde junho de 2016, embora com pouca oscilação entre as mesmas.

Na prática, o conflito comercial entre China e EUA não atinge o milho e o relatório de oferta e demanda, anunciado dia 10/04 pelo USDA, pouco trouxe de novidades. O mesmo apontou um pequeno aumento nos estoques finais dos EUA, passando-os para 55,4 milhões de toneladas (mais 1,4 milhão de toneladas sobre março), porém, reduziu a safra brasileira para 92 milhões de toneladas (lembrando que analistas privados nacionais indicam uma colheita total de 89,5 milhões) e a colheita Argentina para 33 milhões de toneladas (o mercado local fala em 32 milhões). Com isso, a produção mundial de milho foi reduzida para 1,036 bilhão de toneladas, contra 1,042 bilhão em março e 1,075 bilhão efetivamente colhido no ano anterior (2016/17). Desta maneira, os preços médios pagos aos produtores estadunidenses de milho, no atual ano comercial, se estabelecem agora entre US\$ 3,20 e US\$ 3,50/bushel, ou seja, um pouco abaixo do que o mercado vem praticando em Chicago. No ano anterior a média ficou em US\$ 3,36 e dois anos antes em US\$ 3,61/bushel.

Dito isso, as exportações estadunidenses estão boas, com 898.000 toneladas negociadas na semana anterior e 1,94 milhão na semana passada.

Quanto ao plantio do cereal nos EUA, apesar de algumas dificuldades climáticas, o mesmo chegava a 2% da área esperada, contra 3% em igual período do ano passado,

lembrando que o período ideal vai de 15/04 a 31/05. O excesso de neve nas regiões produtoras dos EUA (o volume de neve existente nesta primavera estadunidense seria o maior desde 2003) está atrasando o plantio precoce do cereal. Em clima normal, o milho nos EUA deverá registrar 50% da área semeada até o dia 10/05. Algo a ser monitorado, portanto, pelo mercado, pois qualquer atraso na semeadura poderá render mudanças importantes nas cotações do cereal e também da soja.

Na Argentina, a colheita de milho chegava a 22% da área no início desta semana. Ainda na Argentina a tonelada FOB de milho se manteve com preços firmes, chegando a US\$ 191,00, enquanto no Paraguai a mesma se manteve em US\$ 180,00.

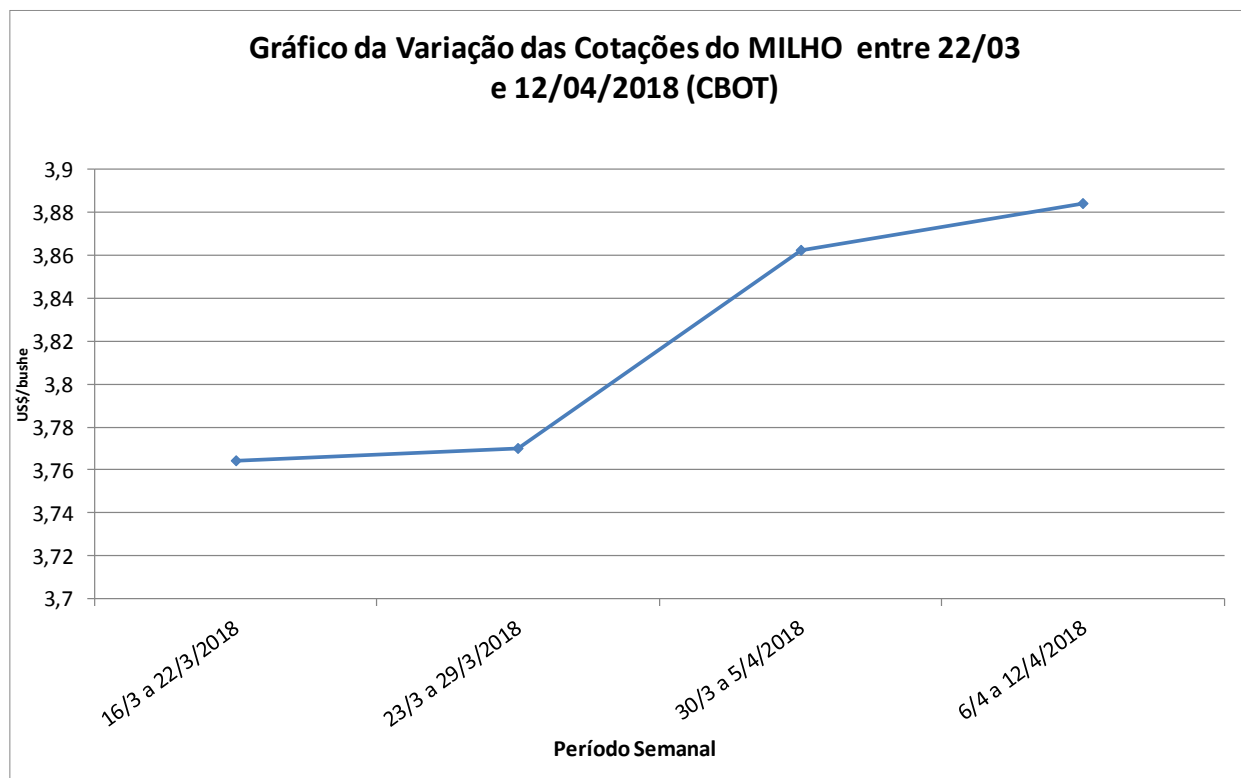
No Brasil os preços do milho continuaram firmes, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 34,03/saco, contra R\$ 21,73/saco um ano atrás. Nos lotes, nesta semana o saco do cereal se manteve entre R\$ 41,00 e R\$ 42,00, enquanto nas demais praças o mesmo oscilou entre R\$ 23,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 41,50/saco em Videira e Concórdia (SC).

Para a safrinha, a região mato-grossense de Diamantino registrou negócios a R\$ 20,50/saco para entrega em agosto e pagamento em setembro. Já em Campo Novo do Parecis houve negócios a R\$ 21,00/saco com entrega em julho e pagamento em setembro. Em Goiás, na região de Jataí, os valores atingiram a R\$ 25,00 e R\$ 26,00/saco para julho e agosto próximos. Ao mesmo tempo, a demanda no porto de Santos, para a safrinha, começa a aparecer, com preços melhores, ao redor de R\$ 38,00 e R\$ 39,00/saco, enquanto a Sorocabana paulista registra R\$ 32,00/saco, contra um disponível atual a R\$ 38,00 (cf. Safras & Mercado).

Mesmo com o restante da safra de verão sendo colhida em São Paulo, os preços se mantêm firmes, porém, já com viés de baixa. No início da semana o referencial Campinas registrou R\$ 43,00 a R\$ 44,00/saco CIF, recuando para R\$ 41,00 no final da semana.

Parece estar havendo uma alteração no perfil de comercialização dos produtores paulistas em especial, que procuram vender de forma mais rápida o seu produto de verão, enquanto encontram uma demanda mais abastecida no momento. Dito isso, no porto de Santos, a disparada cambial, com a desvalorização do Real, acabou travando os negócios para a safrinha, com os compradores se posicionando entre R\$ 37,00 e R\$ 37,50/saco no final desta semana (cf. Safras & Mercado).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 22/03/2018 a 12/04/2018.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram fortemente durante a semana, tendo atingido a US\$ 4,90/bushel no dia 09/04 e fechando a US\$ 4,81 nesta quinta-feira (12), contra US\$ 4,64/bushel uma semana antes. A média de março ficou em US\$ 4,74/bushel, sendo a mais elevada desde julho de 2017.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 10/04, não trouxe igualmente grandes novidades. Apenas elevou a produção mundial em um milhão de toneladas, colocando-a em 759,8 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais passaram a 271,2 milhões, contra 268,9 milhões de toneladas em março. A produção passada argentina foi mantida em 18 milhões de toneladas e a brasileira em 4,26 milhões. Com isso, os preços médios dos produtores estadunidenses, para o ano 2017/18, ficaram estabelecidos entre US\$ 4,60 e US\$ 4,70/bushel, ou seja, quase dentro do que o mercado pratica atualmente. No ano passado o preço médio foi de US\$ 3,89 e dois anos antes de US\$ 4,89/bushel.

Dito isso, as preços do trigo foram estimulados pelas condições ruins de desenvolvimento das lavouras do cereal nos EUA. Apenas 32% destas lavouras estavam entre boas a excelentes condições no início desta semana, contra 51% no mesmo momento do ano passado. Este é o pior percentual para o período desde 2002. Após a estiagem, o clima frio está prejudicando o trigo de inverno neste momento naquele país.

As cotações só não subiram mais porque o relatório do USDA aumentou os estoques estadunidenses e mundiais para o trigo no final de 2017/18, surpreendendo o mercado. Soma-se a isso a maior concorrência do trigo russo, no momento, graças a desvalorização do rublo, moeda russa.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação se manteve entre US\$ 190,00 e US\$ 240,00 na compra.

Aqui no Brasil, os preços continuaram firmes, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 34,80/saco para o produto de qualidade superior. Os lotes passaram a R\$ 42,00/saco. Já no Paraná, o balcão pagou a média de R\$ 35,00 a R\$ 39,00/saco dependendo da região, enquanto os lotes subiram para R\$ 48,00 a R\$ 48,60/saco. Em Santa Catarina, o balcão atingiu valores entre R\$ 33,00 e R\$ 35,00/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 42,60/saco na região de Campos Novos.

Os preços subiram tanto por fatores internos quanto externos. No primeiro caso, a forte desvalorização do Real tornou mais caras as importações do cereal, elevando o interesse pelo escasso trigo existente no mercado nacional. No segundo caso, a elevação das cotações em Chicago força uma alta nos preços do cereal na Argentina, o que dificulta ainda mais as compras brasileiras. Neste contexto, quem possui trigo, o que é pouca gente, segura o produto na tentativa de preços ainda melhores. Como a próxima colheita no Brasil ainda está longe (a mesma começa apenas em setembro pelo Paraná), os preços tendem a ficar elevados até o início da mesma, lembrando que havia um quadro de desestímulo ao plantio devido à forte frustração passada e aos baixíssimos preços existentes até poucos dias atrás. Com a atual reação nos preços, talvez este quadro de plantio se reverta. Logo o mercado poderá avaliar esta realidade na medida em que o plantio no Paraná já inicia.

A tendência geral no Brasil, diante de tal contexto, é de aumento nos preços da farinha e dos produtos a ela ligados, pois o país terá que importar necessariamente trigo bem mais caro caso o atual cenário preços mais altos permanecer nos próximos meses. Por enquanto os moinhos apresentam bom abastecimento do cereal, porém, o mesmo não será suficiente até a entrada da nova safra nacional.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 22/03/2018 a 12/04/2018.

